

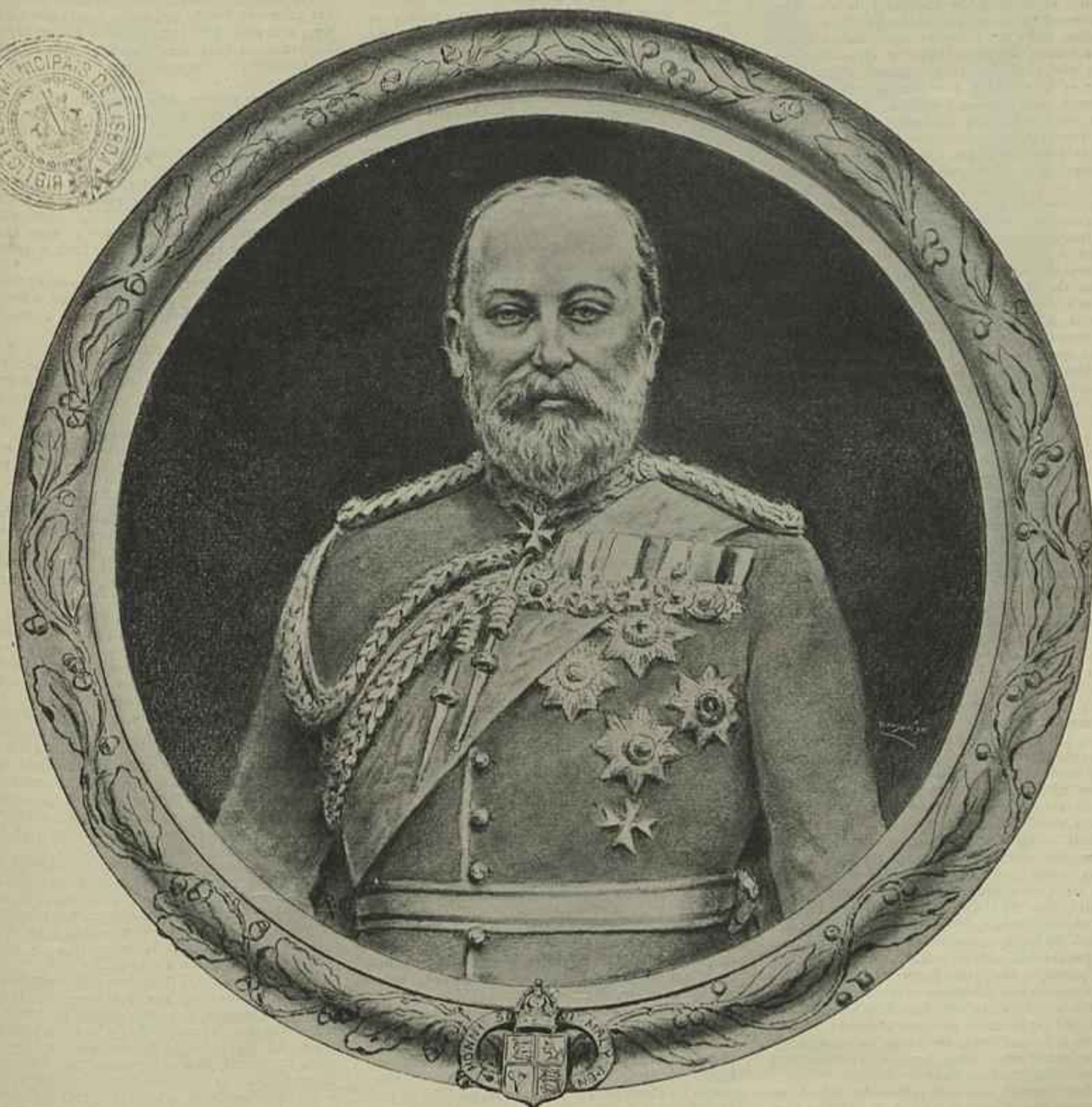
OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º a entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1129	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	645	120	10 de Maio de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	645	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	645	120		



SUA Magestade EDUARDO VII DE INGLATERRA

CHRONICA OCCIDENTAL

Quem viu formar-se o Imperio britannico e saiba o que tem sido a politica da Inglaterra desde a ultima metade do seculo passado, terá observado que essa poderosa nação attingiu a posição conspicua que hoje tem no mundo graças aos grandes homens a quem as circumstancias entregaram o seu governo, e principalmente a direcção da sua politica externa.

Com que geito a Inglaterra tem lidado com todas as grandes nações da Europa nos ultimos cinquenta annos, desde a sua guerra na Crimea! Todos vimos como ella lidou com os Estados Unidos, e os trouxe sempre ao bom raciocínio, nas varias pendencias que se suscitaram, e em que a Gran-Bretanha, parecendo ceder, dextramente consolidou a sua posição na America.

Nós, em Portugal, conhecemos muito bem dois d'esses grandes inglezes. Um foi Lord Salisbury; o outro Eduardo VII.

O primeiro foi-nos extremamente antipathico. Tentavamos nós num esforço desesperado, salvar a casa ameaçada e cercada já pelos bandoleiros: tentavamos responder nobremente á velha ameaça da expropriação, á accusação persistente e infelizmente verdadeira do desleixo e do abandono, promovendo a occupação com o sacrificio, com o trabalho, todo em proveito exactamente d'esses bellos ideaes de humanidade e civilização, aos quaes nos pintavam teimosamente avessos. Sabia-se o que estava por traz d'essa pregação insistente, systematica, hypocrita. Não bastavam já as mais solemnes affirmações, os protestos mais formaes, as condescendencias e as transigencias mais perigosas. Obras é que se queria; testemunhos praticos, decisivos de interesse, de energia de acção transformadora, de influencia e de affirmação soberana. Rapidamente então, onerosamente, resgatavamos em mezés o desleixo ou a fraqueza de annos. Fixavamos e soltavamos, sertões a dentro, a bandeira do direito culto. Abriamo-los ao commercio, á civilização, aos algodões de Manchester, ás biblias protestantes. Não era isso o que se nos exigia? Não era a indolencia, a accusação de que nada faziamos que nos lançavam em rosto?

Pois quando assim nos punhamos rijamente ao trabalho, quando documentávamos o nosso direito, quando davamos ao mundo satisfação da nossa vontade, é que a força mais brutalmente nos ameaçava, se não batessemos em retirada deante do bandoleirismo impaciente e do selvagem embriagado.

O ultimatum de 11 de janeiro foi isto. Nem mais, nem menos.

O procedimento de Lord Salisbury para conosco foi estigmatizado por todos os modos e feitos. Elle foi o inimigo; e quanto mais aquelles que armavam ao effeito com patriotismo baflo, desfiguravam a verdade, maior vulto de antipathia tomava aos nossos olhos a figura do primeiro ministro da rainha Victoria.

Todavia, Lord Salisbury era muito alto, muito poderoso, muito independente, e tinha o cerebro muito bem constituído, para descer á mesquinhez de ser desaffecto a Portugal. Os verdadeiros inimigos de Portugal eram aquelles que em 1890 tinham induzido o governo português a provocar o ultimatum, aquelles que faziam de nós a mão do gato para tirar as castanhas do lume.

Durante onze annos afastámos dos nossos portos os navios de guerra inglezes, e a imprensa e o povo não perdiam occasião de mostrar má vontade a tudo quanto fôsse inglês. Entretanto, os bons cerebros inglezes comprehendiam que uma leal amizade e sincera cooperação entre as duas nações, que tão intimas tinham sido durante seculos, valia muito mais, para a propria Inglaterra, do que alguns territorios de contestavel utilidade, que ella arrancasse violentamente á nossa altiva pobreza. Sentiam que a moderação é attributo da força e que uma impeccavel cortezia é inseparavel da nobreza; sabiam que mais crescia o prestigio da Gran-Bretanha protegendo o direito com o seu immenso poderio do que postergando-o por meio d'elle. Recordavam-se, finalmente, de que nem sempre fôramos inuteis alliados, e de que em mais d'uma campanha havíamos derramado o nosso sangue generoso para dar lustre ás armas inglezas.

A chronica não se illude pensando que só pelos nossos lindos olhos é que a Inglaterra teve empenho em reatar com Portugal as boas relações. Também não attribue a recente aproximação cordeal ao passado de seiscentos annos de affeição, affirmada pelo casamento de D. João I

com a filha do Duque de Lencaster, ou então como consideração por haver encontrado Vasco da Gama o caminho da India, ou ainda pela mão dada dos soldados portuguezes com as tropas do Duque de Wellington para expulsarem os francezes da Peninsula. Tudo isso são coisas muito bonitas para serem ditas com o copo de champagne na mão, mas nada mais.

O Rei Eduardo VII diligenciando quanto pôde por que inteiramente se reatassem as boas relações da Inglaterra com Portugal, com certeza que o não fez com sentimentalismo, nem por amor da tradição. Viu-se que foi um rei verdadeiramente inglês, e não se poderia dizer isto se elle não houvesse sido pratico e previdente.

Julgou-se sempre em Portugal que a aproximação até á intimidade na familia do rei Eduardo com o nosso ministro marquez de Soveral era assumpto de caracter muito pessoal, de sympathia de individuo para individuo. Essa sympathia existia realmente; eram bem dois amigos; mas essa amizade nunca se haveria tornado ostensiva, como foi, publicamente manifesta e muitas vezes propositadamente accentuada, se não estivesse de accordo com os grandes interesses das duas nações.

Se assim não fôsse olhada por todos os ministros e embaixadores, a intimidade entre o rei Eduardo e o nosso tão geralmente estimado ministro, teria o tipo do favoritismo; e nem a nobreza, nem o povo gostam dos favoritos dos reis. A historia está cheia de factos que o justificam. A grande consideração do rei agora fallecido para com o nosso ministro, era principalmente politica.

Quem a boa arvore se chega boa sombra o cobre — diz o proverbio, e acertado é applical-o ao caso de haver interesse da parte de Portugal nas boas relações com a Inglaterra. Mas também não é difficil comprehender qual seja o interesse de uma das mais poderosas nações do mundo, como é a Inglaterra, em alliar-se tão ostensivamente com uma das mais pequenas e mais des-governadas nações da Europa, como é Portugal. A Inglaterra é a chamada rainha dos mares; e dos mares a parte mais importante são os portos. Ora Portugal tem os principaes portos estrategicos no Atlantico, sem rivaes como portos de apoio para esquadras em tempo de guerra; e a Inglaterra precisa que os nossos portos e portos estrategicos lhe sejam affectos. O contingente de Portugal na alliança com a Inglaterra não é outro.

O rei Eduardo assim o tinha visto e parece que não ha outra razão para se dizer, como se está dizendo desde que houve noticia d'elle ter morrido, que a sua morte representa para Portugal uma perda irreparavel.

Façamos nós mais governo e menos sentimentalismo, e vêr-se-ha como nos consolamos da perda que tanto se lastima agora. Se nos queremos collocar condignamente ao lado da Inglaterra (e não sómente sob o favor da sua amizade historica), tratemos de imital-a.

Ponha-se a bandeira portugueza a meia haste como signal de luto momentaneo, mas torne-se logo a içã la ao tope do alto mastro, onde ella ha tantos seculos tremula ao sopro dos quatro ventos varios!

JOÃO PRUDENCIO.



Sua Magestade Eduardo VII de Inglaterra

Notas biographicas

A morte do Rei Eduardo VII, o maior monarca dos nossos tempos, é devidamente apreciada na chronica deste numero, como o maior acontecimento mundial da occasião, por isso neste artigo apenas resumiremos as principaes notas biographicas do fallecido rei, notas que alias se encontram em diferentes volumes do OCCIDENTE, tanto por occasião de Eduardo VII ter subido ao trono de Inglaterra, como quando da sua coroação, e ainda da sua visita a Lisboa em 1903 (1).

Alberto Eduardo, Principe de Galles, de Saxe Coburgo-Gotha, duque de Saxe, de Cornwall e de Rothsay, conde de Chester, de Carrick e de Dublin, barão de Renfreu, etc., nasceu no palacio de Buckingham, a 9 de novembro de 1841, filho da

rainha Victoria e do rei seu consorte, Alberto, fallecidos.

Por morte da rainha Victoria, occorrida em 22 de janeiro de 1901, o principe de Galles, herdou o trono e foi aclamado Rei Eduardo VII, realisando-se a sua coroação com a maior solemnidade de festas publicas em 9 de agosto de 1902.

O Rei Eduardo VII, ainda Principe de Galles, casou no castello de Windsor, a 10 de março de 1863 com a Princesa Alexandra, de rara formosura, e que nasceu a 1 de dezembro de 1844, filha do Rei Cristiano IX da Dinamarca.

Deste casamento nasceram os seguintes filhos: Jorge Frederico Ernesto Alberto, a 3 de junho de 1865, herdeiro da corôa, o qual casou com a Princesa de Tech, Victoria Maria; a princesa Luiza Victoria Alexandra, que nasceu a 20 de fevereiro de 1867 e casou com o duque de Fife; a Princesa Victoria Alexandra, nascida a 6 de julho de 1868; e Maude Carlota Maria Victoria, que nasceu a 26 de novembro de 1869 e casou com o principe Carlos da Dinamarca, hoje rei da Noruega.

Eduardo VII viajou muito, quando ainda Principe de Galles. Visitou quasi todos os Estados da Europa, e com grande frequencia Paris, onde se demorava. Viajou na America do Norte, no Canada, no Egypto, na Turquia, e por duas vezes visitou Lisboa. Grande amator de caçadas, foi uma vez ferido em uma caçada em Compiègne, em 1868. Em 1860 foi alvo de um atentado contra a sua vida, em New-York, que felismente se frustrou, e o mesmo lhe aconteceu, em 1900, em Bruxellas.

Se essas viagens lhe serviram de distração, não lhe aproveitaram menos como estudo para o grande conhecimento do mundo e dos homens, adquirindo a larga experiencia de que tão bom uso fez, nos nove annos do seu reinado.

Em junho de 1902, terminada a guerra do Transvaal, quando tudo se preparava para a coroação solemne de Eduardo VII, foi este acometido de uma grave doença que o teve entre a vida e a morte, tendo-lhe sido feita a operação da apendicite.

Este desagradavel incidente, de que a sua robusta organização triumphou, fez adiar a cerimonia da coroação para 9 de agosto, como ficou dito.

Como se vê, demorou mais de anno e meio até que Eduardo VII fosse solememente coroado Rei, essa demora, porém, determinou-a o grande desejo que o herdeiro da rainha Victoria tinha, de que essa solemnidade não se realisasse sem que a Inglaterra estivesse em paz.

Assim manifestou o novo monarca o seu grande amor da paz e da felicidade dos povos principiando pelos seus.

De facto Eduardo VII, sem quebra do prestigio da sua nação e antes despertando as sympathias geraes, trabalhou dedicadamente pela paz do mundo.

Nessa louvavel intenção elle inicia as suas visitas aos Estados da Europa, e é Portugal o velho aliado da Inglaterra, a quem o poderoso monarca primeiro se dirige, num rasgo de gentileza e de sympathia por esta nação, que nunca poderá ser esquecido, mas sempre recordado com reconhecimento, tanto maior quanto é certo que essa sympathia se confirmou sempre em actos de deferencia pelo nosso país.

Visita a Espanha, visita a França e estas esquecem antigos resentimentos e aproximam-se da Inglaterra. A Italia torna-se amiga e a Russia entra em negociações com a Gran-Bretanha e esta reconcilia-a com o Japão. A Turquia aceita os concelhos da Inglaterra, e agora Eduardo VII contava com a aproximação mais cordeal da Allemanha, assegurando emfim uma paz duradoura entre as potencias.

E' á sua grande diplomacia que isto se deve. O monarca constitucional, sem nunca deixar de o ser, pois a Inglaterra o não aceitaria de outro modo, soube aliar os seus sentimentos de grande bondade com os interesses e bem estar do seu país, usando apenas da força que dá o bom senso, a boa razão e a justiça.

O Rei Eduardo VII estivera ultimamente em Biarritz onde teve um resfriamento. Regressando a Londres, o tempo pouco favoravel que ali encontrou agravou-lhe o mal, manifestando-se um forte ataque de bronquite e complicações cardiacas, que em poucos dias o victimou, fallecendo ás 11 horas e 45 minutos da noite de 6 do corrente, no palacio de Buckingham, estando junto do seu leito a rainha Alexandra, o principe e princesa de Galles, a princesa Luiza, o duque de Fife, a princesa Victoria e duquesa de Argyll.

Estão de luto todas as côrtes da Europa.

(1) Vid. vol. XXIV do OCCIDENTE pag. 25. Idem XXV pag. 170. Idem XXVI pag. 66, etc.

CENTENARIO DE ALEXANDRE HERCULANO

vida e obra de Herculano, para que elle seja verdadeiramente compreendido do povo, a quem os livros do poeta, do historiador e do romancista, mal tem chegado, e ainda menos o conhecimento da austeridade do seu indomavel caracter de puro aço, a caso, erradamente apreciado na sua exterioridade rude, severa, mas que era apenas o envoltorio de uma grande alma e de um coração honroso, onde a patria tinha um altar e fervoroso culto.

Em honra da memoria de Herculano, varias colectividades celebraram sessões solennes, por muitas terras do país, além de Lisboa, Porto, Coimbra e Santarém, — que foram as principaes — na Figueira, Condeixa, Leiria, Tavira, Braga, Pombal, Aldeia Galega, Montemor o Velho, S. Thiago do Cacem, Matinha Grande, Almada, Barreiro, Alcaçer do Sal, Montemor o Novo, etc.

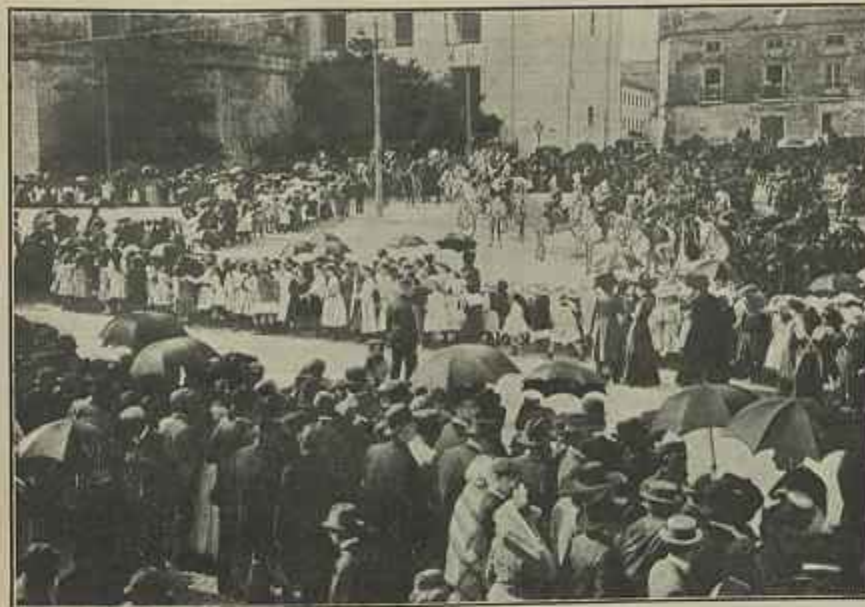
Em Madrid, o Centro Manchego, celebrou uma sessão solenne, em que tomaram parte varios oradores produzindo discursos sobre a obra de Herculano. No Rio de Janeiro, a Academia tambem se manifestou entusiasticamente associando-se ás homenagens prestadas ao autor da *Historia de Portugal*. A colonia portugueza, do Pará, tambem secundou as manifestações da patria em honra de Herculano. Em Paris a Sociedade de Estudos Portuguezes realisou uma linda festa presidida por Maximo Formont, onde foram pronunciados discursos referentes a Herculano.

Esteve por alguns dias aberta na Torre do Tombo, uma exposição diplomatica Herculânica; outra na Associação Academica do Curso Superior de Letras, das fontes de que Herculano se serviu para a sua obra.

Foi imponente a comemoração que se fez na Capital do norte no dia 24. Um luzido cortejo,



O CORTEJO CIVICO DESFILANDO EM BELEM



CHEGADA DO CORTEJO CIVICO AOS JERONIMOS, AS CRIANÇAS DAS ESCOLAS

em que tomaram parte varias colectividades da cidade, principiando pela camara municipal, percorreu as principaes ruas e praças, com extraordinario concurso de povo. A sessão celebrada na sala da Biblioteca Municipal, foi altamente significativa pelos discursos que varios oradores nella produziram, todos enaltecendo a obra e o caracter de Herculano, do qual ali se inaugurou um magnifico busto.

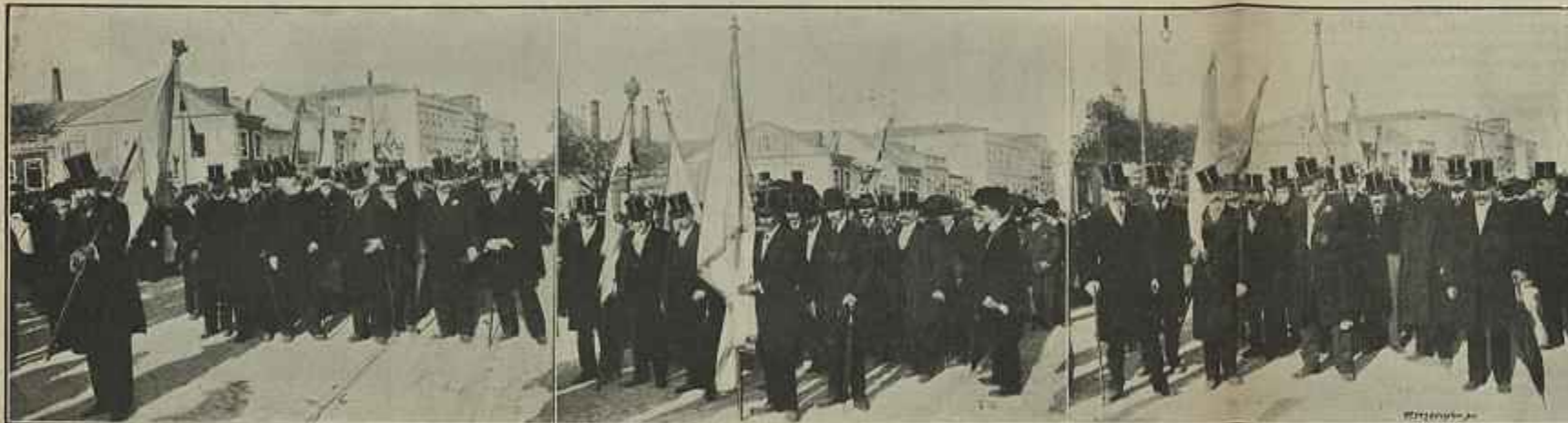
Neste mesmo dia saia a romagem a Vale de Lobos, a Comissão Executiva de Lisboa, a que no outro logar o Occidente se refere, numa interessante critica do nosso estimado amigo e colaborador, que ali foi, o sr. Ribeiro Cristiano.

A colocação de uma lapide comemorativa no predio da rua de S. Bento n.º 438, construido posteriormente no logar da casa do Pateo do Gil, em que nasceu Herculano, foi tambem um numero do programa que se realisou com toda a solemnidade, em a noite de 26 de abril. Para esse fim organisou-se uma marcha com archotes, em que se incorporaram os estudantes, e que, partindo da Escola Politecnica se dirigiu à rua de S. Bento, com um concurso enorme de pessoas que se associaram entusiasticamente a esta manifestação.

Na mencionada propriedade foi descerrada a lapide, lavrando-se o competente auto, e sendo feita a entrega á camara municipal de Lisboa, que se achava representada naquele acto.

O sarau no teatro de S. Carlos, foi uma festa tão brilhante que raro haverá memoria de outra assim. Tudo devia concorrer para o resultado que teve, pois eram de primeira ordem os elementos que a compunham.

A esplendida sala tinha o aspeto das recitas de gala, que é dos mais surpreendentes espectaculos que se podem ver em Lisboa. A assistencia



AS CAMARAS MUNICIPAES NO CORTEJO CIVICO



O CORTEJO CIVICO DO PORTO, DESFILANDO NAS RUAS DA CIDADE



O CORTEJO CIVICO EM LEIRIA

de El Rei, a do Principe Real, do ministerio, camara municipal, representantes do parlamento, com tudo que de mais distinto ha na sociedade lisbonense, acrescido com as deputações das academias do Porto, Coimbra, Santarem, etc., constituiu uma concorrência das mais selétas e animadas que se terão reunido naquella magnifica casa de espectáculo.

O sarau principiou pela Marcha Triunfal executada magistralmente pelas tunas academicas sob a direcção do sr. Pavia de Magalhães. O sr. Consiglieri Pedroso fez um bello discurso, consignando a grande parte que a mocidade academica tomara na celebração do centenario e o fim altamente simpatico a que se destinava o produto daquelle sarau para a fundação de escolas. As palavras do orador quasi se perdem entre os aplausos de toda a assistencia e ainda mais quando alludiu á fraternisação de todos os estudantes para o engradecimento da patria portugueza, seu progresso e liberdade.

O dialogo de Eurico e Hermengarda por Eduardo Brazão e Lucinda Simões, e a recitação pelos mesmos artistas e Cristiano de Sousa de poesias de Herculano, foram numeros muito applaudidos. O Orfeon Academico de Coimbra, composto de mais de dozentos executantes, foi de um extraordinario efeito, despertando o maior entusiasmo o côro dos soldados dos *Hugnotes*, que foi bisado.

Superiormente cantados varios trechos musicas pelas distintas amadoras sr.^{as} D. Candida Kendall, D. Amelia Serra, assim como a romanza de

a cronica, no numero antecedente, com o brilho e verdade que inutil é repetir.

Todas as classes sociaes se uniram como uma só para glorificar a patria.

Vão passados trinta annos que uma glorificação não menos expressiva se realizou no país com o centenario de Camões.

Foi aquelle mais preparado do que este agora realiado, mas nem por isso acordou menos a alma nacional, excedendo toda a espectativa, tanto mais neste momento, em que, infelizmente, tantas dissidencias parece dividirem a familia portugueza.

E, parece nos, esta a prova mais evidente do amor patrio que anima esta nacionalidade, e que nos diz não estar ainda tudo perdido.



A romagem a Valle de Lobos

Proximo ao meio dia de 24 de abril o comboio estacava á tabella na estação de Santarem, apinhada de compacta multidão, entre a qual sobressahia o elemento official, civil e militar, municipios, bombeiros e collegios da localidade; uma nutrida salva de palmas demonstrou quanto a commissão do Centenario era ansiosamente aguardada de Lisboa.

O som das musicas e o estalar dos foguetes rematavam festivamente aquella aparatosa e deli-

cada recepção, pelo que se mostravam alegres todos os rostos, dos que chegavam e dos que tinham esperado.

Lá fóra, no largo da estação, o povo santarêno apinhava se e com os seus vivas, mostrava o interesse com que celebrava o iniciamento dos festejos apoteoticos a Alexandre Herculano.

Todas as pessoas gradas da cidade procuravam os trens e os mais variados meios de transporte da localidade para seguirem para a Azoia; como n'uma parada, estacionavam estrepitosos doze automoveis Panhard, que a commissão

executiva previdentemente alugara em Lisboa e fizera seguir para Santarem; alli o academico Passos que os dirigia em nome da commissão, incansavelmente distribuia os logares aos recém-chegados, dava a partida e bem depressa, pedida vênua ao governador civil de Santarem, sr. Visconde da Silva Anachoreta, que em trem seguia á frente, os automoveis distanceavam-se, uns após outros, estrada fóra, entre nuvens de cerrada poeira.

Em varios pontos do percurso, nos casaes e quintas viam-se grupos de camponezes saudando os *romeiros* lisbonenses, agitando chapéus e lenços alegremente.

A cada momento se iam encontrando cavalheiros, trens, cabrioles, galeras e carroças, seguindo todos para a historica aldeia e logo distanceados constantemente pelos velozes automoveis.

Poucos minutos passados apeiavam-se proximo a Valle de Lobos, d'aquellas machinas corredoras, as varias pessoas, que sahidas de Lisboa em traje de cerimonia, chegavam alli quaes esbranquiçadas estatuas, cobertas de finissimo pó da estrada; pelo que ninguem se podia rir dos demais companheiros de jornada, visto todos se apresentarem de igual modo polvilhados.

Quem escreve estas linhas, teve a distincção de um voto de louvor, mercê de uma pequena escôva de fato, que prudentemente tinha comsigo e que n'aquellas alturas foi considerada providencial; foi ella passando por mãos de conhecidos e desconhecidos, que todos a solicitavam, para se escovarem, pelo que todos retomaram um aspecto mais apresentavel.

Chegavam no entanto os variados vehiculos santarênos com as numerosas pessoas de recepção e todos concordaram em seguir d'ali a pé, para a Azoia de Baixo; o governador civil, apesar da avançada idade, quiz dar o exemplo e ladeado pelos srs. Rozendo Carvalheira e Moreira de Almeida, da commissão executiva de Lisboa, rompeu a marcha.

Na frente formaram os bombeiros municipaes artilheiros e respectivas bandas, que lançavam por entre aquelles montes cobertos de formosa arborisação, as notas solemnes da marcha triumphal de Herculano.

Todo o Santarem seguia o chefe do districto, varias autoridades civis e militares; os vereadores da cidade, de Almeirim, de Benavente, e de varios outros concelhos, tomaram tambem logar n'aquelle improvisado cortejo, em homenagem ao glorioso historiador de Portugal e fervoroso municipalista.

Todo o povo da Azoia e aldeias visinhas se apinhava em grupos de persépio pelas encostas acima e pelas ruas do povoado; a cada momento as camponezas atravam braçadas de flores sobre a imponente comitiva, isto entre o ensurdecedor estorir dos morteiros de dynamite e estralejar dos foguetes e entusiasticas aclamações.

No largo, em declive, todo enfeitado a festões e bandeirolas, entre a compacta e variegada multidão, teve logar a cerimonia do assentamento da primeira pedra para o monumento, que os habitantes da Azoia projectam a Herculano, seu glorioso conterraneo no fim da vida. Foi sob o dardejar de um esplendido sol, destacan'o-se em purissimo ceu azul, que todos se descobriram a ouvir, os que ouviram, as palavras do governador civil, o qual lembrou comovido, que Herculano indo acolher-se a Valle de Lobos desalentado dos combates litterarios, ali se estabelecera procurando como lavrador a paz do espirito; mas uma nova côrte na aldeia se estabelecera devido ao seu grande nome, e ali acabara seus dias. Justo seria, portanto, que a sua effigie o lembrasse n'aquelle logar, que elle celebrisou, assim como a Santarem.

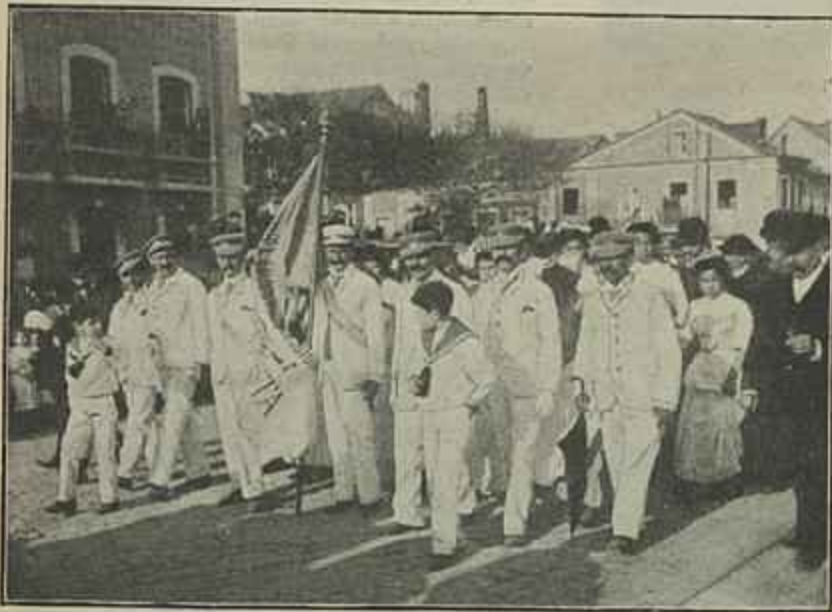
Algumas moedas de prata modernas foram lançadas na caixa subterranea, a determinar a era da fundação, e emquanto varias pessoas de maior notoriedade cimentavam a primeira pedra, o incansavel secretario da commissão executiva sr. Carvalheira, agradeceu a todos a extraordinaria e comovedora manifestação civica que se estava alli realisando á memoria de Herculano, do qual lembrou, que na sua grande austeridade e inteireza de character, era um bondoso, qualidade pouco citada, como o provava entre outros, o facto de um camponez da Azoia, lhe dever o ser salvo n'um processo crime, injustamente imputado, o que Herculano com immenso trabalho poude comprovar.

Com as musicas tocando sempre a marcha de Herculano, echoando pela deliciosa paisagem circundante, foi em seguida visitada pela enorme assistencia em continuo desfile o adro da igreja parochial, onde no tumulo do general Gorjão, o grande historiador portuguez, estivera sepultado, — como uma lapide certifica, — bem como a escola primaria *Alexandre Herculano*, de onde as creanças deitavam flores e davam palmas alegremente; na escola que rapidamente se encheu, ficando a maioria da assistencia na rua, só um reduzido numero de *romeiros* poderam assistir ao descerramento do busto de Herculano, soberba esculptura do fallecido Anatole Calmels, e ouviram os versos lidos por uma creança escolar e as palavras comemorativas do governador civil e as do professor de historia e vereador lisbonense sr. Agostinho Fortes, que fóram coroadas de salvas de palmas e bravos entremeados de aclamações á gloria de Herculano.

Estavam terminadas as visitas da romaria na Azoia, e para os que tinham partido de Lisboa e a muitos de Santarem n'aquella já passada meia tarde primaveril e entusiastica, o estomago reclamava algum alimento, e assim todos se dirigiram a uma ampla casa de venda adrede, disposta por um commerciante santarêno, e procuraram em confraternidade, refazerem se da sede e forçada abstinencia, consumindo cervejas, croquetes e saborosas queijadas *Alexandre Herculano*.

O povo aldeão dispersára no entanto e fóra collocar-se proximo á linda quinta de Valle de Lobos e novamente organizado o cortejo na Azoia, seguiu do mesmo modo a pé a cumprir o preito de visitar a morada do immortal portuguez, cuja memoria se solemnisava.

Os actuaes donos d'aquella bella e plantuosa vivenda rural, disposta n'um lindo e aprazivel sitio, a que a primavera dava o seu realce de frescura e delicado colorido, tudo tinham disposto para que sem estôrvo a casa e seu jardim podes-



OS OPERARIO DA FABRICA DE BOLACHAS DA PAMPULHA, NO CORTEJO CIVICO

Mozart, *Concerto XX*, pela sr.^a D. Elisa Batista de Sousa Pedroso executada ao piano, com acompanhamento de orquestra.

Eis-nos chegados ao fim do programa das festas do centenario, o grande cortejo civico que no dia 28 se dirigiu ao tumulo de Herculano, nos Jeronimos.

Na manhan desse dia foi Sua Magestade El-Rei D. Manuel ao mosteiro dos Jeronimos collocar uma corôa de flores artificiaes no tumulo de Herculano. Acompanhou El-Rei nesta piedosa homenagem S. A. o Principe Real D. Afonso, e dignitarios de serviço. No historico templo aguardavam esta visita, parte do ministerio, Commissão Executiva e pessoal superior da Real Casa Pia.

O sr. Consiglieri Pedroso, em nome da Commissão Executiva agradeceu a El Rei a homenagem que ali vinha prestar á memoria de Alexandre Herculano, a qual o povo tambem apreciaria, por vêr que o primeiro magistrado da nação, espontaneamente vinha associar-se ás manifestações populares em honra do que fóra um grande amigo de D. Pedro V que este povo tanto amou tambem.

El-Rei, respondendo ao sr. Consiglieri Pedroso, manifestou o quanto estava agradecido á comissão pelo brilho que soubera dar ás festas celebradas em honra da memoria do grande cidadão portuguez, por quem tinha a maior veneração, sendo seu maior desejo que toda a nação seguisse os exemplos daquelle austero e modelar character.

O que foi o grande cortejo, em que tomaram parte todas as forças vivas do país, descreveu-o

sem ser visitados; um engano porém do povo, fez com que em vez de se seguir a entrada principal da quinta, se entrasse n'esta, pelo lado de uma pequena ponte rustica, de madeira, lançada sobre o ribeiro de Valle de Lobos, ali, alguns mais oprimidos, dos do povo, saltando os vallados, molharam-se soffrivelmente na agua, dando a nota cômica, que nunca deixa de apparecer nos actos mais solemnes, caso que produziu leve hilariedade nos numerosos circumstantes.

Dentro da quinta e passadas adega, lagar e dependencias de lavoura, todos com o mais vivo interesse e respeito, passaram pelo escriptorio e alterca onde exalára o ultimo alento, pedindo ainda para ver o sol, o grande espirito de Herculanio; ali se viam a poltrona, o leito, o calçado e barrete do lavrador, tudo religiosamente conservado na sua simplicidade quasi ascética; na parede, um bem desenhado retrato, ainda mais accentuava a lembrança do austero e profundo auctor da *Historia de Portugal*, do *Eurico*, do *Monge de Cister* e de tantas joias da litteratura nacional.

Depois dos visitantes inscreverem seus nomes em folhas de papel dispostas para esse fim, fizeram-se as despedidas aos donos da propriedade e ás auctoridades de Santarem, e novamente os velozes automoveis transportaram rapido á estação do Caminho de Ferro os membros da commissão executiva e os delegados da grande commissão do Centenario, que tomaram parte na inolvidavel romagem, de certeza o mais impressionante numero, entre os que com tanto brilho e grandiosidade fóram celebrados em honra de Herculanio.

Da estação partiu para a capital o comboio, sendo os romeiros lisboenses mais uma vez saudados, entre palmas dadas por as principaes auctoridades de Santarem, que com o illustre governador civil á frente, vieram gentilmente ao bota-fóra dos ollyssiponenses romeiros de Valle de Lobos.

Abril, 1910.

RIBEIRO CHRISTINO.



Estrelas cadentes e aerolitos

Em pouco mais de 8 dias, a nossa provincia da Beira Baixa foi alvo de tres aerolitos que encheram de pavor a população, amedrontada pela proxima aparição do cometa de Halley, em 19 de maio. Parece nos, pois, oportuno, dizermos algumas palavras sobre os bolides ou aerolitos, ligando esse estudo com o das estrelas cadentes.

Os periodos em que melhor se presencia uma chuva de estrelas são: a noite de 10 de agosto, fenomeno a que dura ainda dias seguintes, e a madrugada de 14 de novembro, mas a intensidade daquelles meteoros atinge maior brilho, em geral, de 33 em 33 annos, depois diminue até acusar um minimo, para de novo caminhar para o maximo, no fim de outros 33 annos. A chuva de estrelas de agosto denomina-se *Perseida*, por se efectuar perto da constelação do Perseu, e a de novembro, *Leonidas*, por se efectuar perto da constelação do Leão. — As estrelas cadentes são corpos solidos de pequenas dimensões, compostos de substancias compactas que podem voar em estilhaços durante a sua combustão. Não atingem nunca a terra, evaporando-se antes de penetrar nas camadas inferiores da atmosfera, diminuindo a velocidade, e chegando á terra, em estado de pó ferroginoso.

A cada momento, cahem estrelas, mas nem sempre cahem bolides, pois, se o astro fór de pequeno peso, evapora-se no ar, e reduz-se a pó, e resiste, apenas, se fór de peso avolumado. Um bolide com 1 decimetro de raio, e densidade 3,5, entra na atmosfera com a velocidade de 50:000 metros por segundo, e chega á terra, com uma velocidade reduzida apenas a 5 metros.

Porque motivo as aparições das estrelas cadentes, são periodicas, em datas fixas, durante muitos annos, e soffrem, por vezes, intermitencias.

Eis como explica Schiaparelli o facto:

«Suponhamos uma nebulosa formada de corpusculos, situados no limite da esfera de acção do Sol, soffrendo a atracção d'esse astro. As velocidades adquiridas para dois pontos afastados é diversa, em virtude do seu diametro consideravel; no entanto, as orbitas são semelhantes, formando-se uma especie de cadeia que leva bastante tempo a passar á roda do Sol. Uma massa de diametro igual ao diametro do Sol, levaria seculos a efectuar esse movimento. Essa cadeia é a orbita dos corpusculos meteorica A Terra, no seu movimento de translação, passando

COLYSEU DOS RECREIOS



MARIA GALVANY

junto da cadeia, na mesma data, encontrará um certo numero d'esses corpusculos, cuja velocidade se combina com a da Terra. Se a cadeia fór extrema, a Terra, atravessará todos os annos, no mesmo ponto essa cadeia, encontrando em cada passagem corpusculos diversos.

Concluiu tambem Schiaparelli que os cometas teem em geral orbitas que coincidem com as cadeias de meteoros de agosto e de novembro, e portanto, quer cometas, quer estrelas cadentes, são aglomeração de meteoros, derivados de massas nebulosas estranhas ao nosso sistema planetario. Nos cometas encontra-se uma atmosfera gasosa, e alguns gases rarefeitos, nas estrelas cadentes ha apenas uma massa solida.

Como exemplo de cometas cujas orbitas coincidem com as cadeias de meteoros, citaremos a brilhante chuva de estrelas, observada a seguir á aparição do cometa de Biela, em 1892.

Mas nem sempre, a aparição de estrelas, denuncia a aparição de um cometa.

A força repulsiva exercida pelo Sol, sobre a

cabeleira de um cometa, excede a da atracção solar, que faz com que os cometas diminuam de grandeza quando se aproximam do Sol. Segundo os cronistas antigos, o cometa de Halley deveria ser mais brilhante em 1759 do que o foi em 1835 e o será em 1910.

Os cometas e estrelas cadentes (que são desagregações daquelles) veem dos espaços infinitos, incorporando-se no nosso sistema planetario, modificando a sua orbita na passagem junto de qualquer planeta.

No entanto, ha cometas e estrelas cadentes que é possivel sejam produtos vulcanicos dos planetas.

Tratemos agora dos *bolides* (corpos luminosos de pequenas dimensões atravessando o espaço, espalhando luz intensa, deixando atrás de si, um rasto luminoso e que ao cahir, á Terra, produz varias detonações). A 23 de julho 1872, caiu em Blois (França) um aerolito de 47 kilos, com grande explosão, e em 6 de abril de 1885, em Chandpur, na India, outro, acompanhado de um relampago e trovão. A sua massa atinge, por vezes, peso enorme. Basta indicar que na Bahia, em 1816, um aerolito pesava 5:360 kilogramas, outros ha ainda, de maior peso do que este.

Além de sua origem, de estrelas cadentes, os aerolitos provêm em geral, (e é essa a teoria mais aceite), da propria Terra que os lançou no espaço, pelas erupções vulcanicas, e obedecem, cahindo, ás leis da gravidade.

Esta queda pode produzir perda de vidas humanas, mas, felizmente, teem sido em numero diminuto, e em muito menor numero do que os desastres provocados pelos raios ou abalos de Terra.

Como em geral, esses corpos se vão fragmentando na sua queda, e sua velocidade vae em diminuição progressiva, é raro, a queda de predregulhos colossaes, sendo na maioria das vezes de pequenas dimensões, arremessadas com uma velocidade relativamente pequena.

ANTONIO A. O. MACHADO.



NOTAS LYRICAS

Colyseu dos Recreios

Teem corrido com bastantes applausos as recitas, n'este theatro, com a companhia lyrica; *Othelo*, *Huguenottes*, *Fausto*, *Tosca*, *Palhaços*, *Cavalleria Rusticana*, são sempre operas que o publico gosta, applaudindo os principaes artistas; assim os sopranos Albertini, Grau, Aceña, Pangrazzi, Galan, tenores Mulleras, Farnadas, barytonos Molina, Gueri, baixo Cajal, são cantores sempre estimados da platea.

Era esperada com anciedade a illustre cantora Maria Galvany, conhecida hoje em todo o mundo lyrico. Maria Galvany representa hoje, o *modelo* dos sopranos ligeiros, ainda capaz de nos dar essas melodias do repertorio antigo, que necessitavam de gargantas especiaes. Hoje vão rareando, duas cantoras n'este genero são conhecidas hoje, Maria Galvany e Luiza Trazzini. Felizmente para os nossos ouvidos temos por cá outra vez Maria Galvany, que já ouvimos á data de escrever estas linhas, nas operas *Lucia* e *Barbeiro de Sevilla*.

Maria Galvany, tem percorrido as principaes cidades sendo sempre ovacionada, ainda agora na Russia foi um grande delirio, como nos attestam os jornaes que temos sobre a nossa banca de trabalho. Galvany tem cantado ao lado de celebridades, e pena temos todos nós que ainda não tivesse pisado o palco do nosso S. Carlos!!!

Nas duas operas até agora ouvidas Maria Galvany, tem revelado a sua sempre fresca voz, cujas notas agudas são sempre limpidas como crystal. As maiores difficuldades são sempre vencidas pela illustre cantora que recebe enormes ovações. Breve teremos a *Somnambula*, *Traviata*, *Lo-hengrin* e *Trovador*.

A. P. S.

Colyseu dos Recreios



ENRIQUETA ACEÑA

A Representação de Portugal nas festas do Centenario da Argentina

Para não incorrer-mos em erro historico sobre o que se publicou em o penultimo numero do OCCIDENTE com respeito á representação de Portugal no Centenario da Argentina, pelo seu embaixador extraordinario sr. conselheiro Camello Lampreia, devemos dizer que a sua nomeação pelo governo portuguez, ficou á ultima hora sem effeito, sendo encarregado dessa missão o comandante do cruzador *D. Carlos*, o capitão de mar e guerra sr. conselheiro Alvaro Antonio da Costa Ferreira.

Sem o soffrimento é incompleto o amor da mulher, assim como é imperfeito sem a gloria o amor do homem.

PUBLICAÇÕES

Higiene de Pangim (com numerosas notulas historicas), por Ayres Fernandes de Sá. — Tipografia Arthur & Viegas. — Nova Gôa. — 1908-1909.

São dois fasciculos cada um dos quaes, respétivamente, correspondendo aos annos acima e abrangendo na totalidade 232 paginas de texto, acrescido de mais 7, inserindo apreciações jornalisticas da obra.

A 1.ª parte versa estes assumptos: Historia — Geografia — Geologia — Hydrografia — Climatologia — Demografia — Nosologia; a 2.ª occupa-se dos seguintes: Bairros e Quarteirões — Espaços. Li

Colyseu dos Recreios



PAULINA ALBERTINI

Colyseu dos Recreios



ROSALIA PANGRAZY

vres (Saguões — Espaços arborisados — Vias Publicas) — Habitações; e a 3.ª, finalmente: Animaes — Mendigos — Poços e Fontes — Canos, Dejétoes — Depuração urbana — Iluminação eléctrica.

Tudo isto constitue materia consonante com o titulo da referida obra, na dedicatória da qual se lê o nome de Augusto de Castilho.

O autor, que fez o curso, terminado em 1905 na Escola medico-cirurgica de Nova Gôa, revela-se minuciosamente competente nos palpitantes pontos a que se refere, e, além d'isso, muito dedicado aos legitimos interesses da sua terra, pelos quaes pugna do melhor modo, — com a ciencia.

Patria Portuguesa, Revista mensal illustrada. João Maria Ferreira, diretor e proprietario; Alfredo Pinto (Sacavem), redator principal. Lisboa. Anno I, n.º 1 e 2.

Apareceu a publico em janeiro deste anno o primeiro numero desta revista, bem redigida e illustrada e que saudamos, desejando-lhe longa vida e prosperidades.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Seccão especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

23 a 173 francos por semana. podem ganhar, senhoras homens e rapazes em suas casas. Muito honroso, facil, sem precisar conhecimento algum especial. Venda garantida—A. I. Horton—56—Rue Carvès—Grand Montrouge (Seine) France.

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Preço da capa **800 réis**, capa e encadernação **1\$200 réis**

Collegio Francês * Instituto primario e secundario

Autorisado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrução primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)